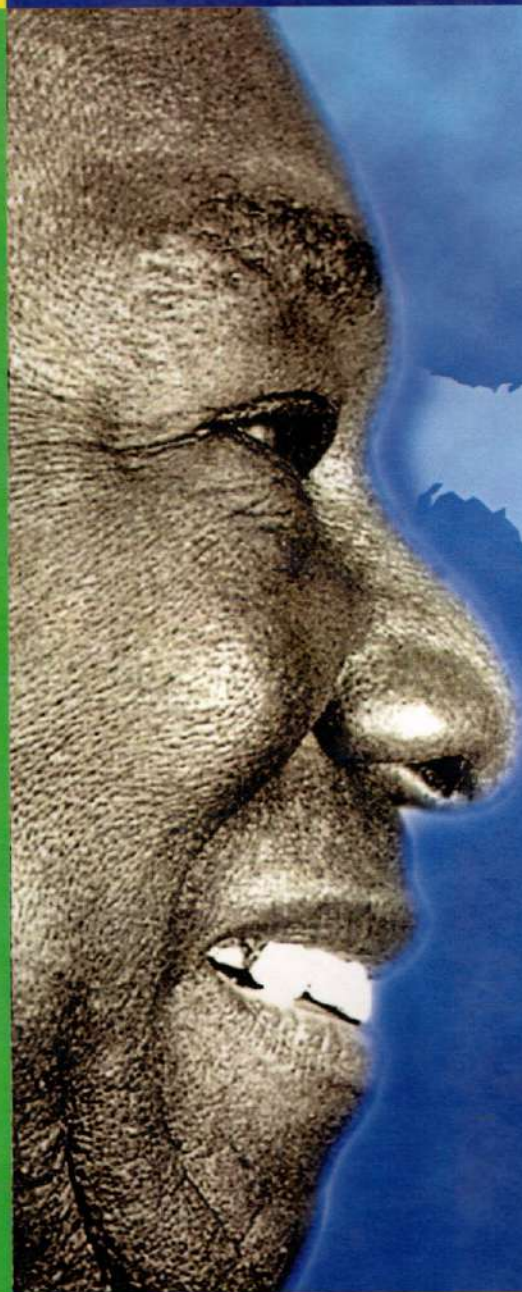


OLIVEIRA, J. A. . Amazônia: Internacionalização do Território ou Espaços e Tempos Incompreendidos. In: Álvaro José de Souza e outros. (Org.). Milton Santos: Cidadania e Globalização. 1ed.São Paulo: Saraiva, 2000, v. 1, p. 262-265.

MILTON SANTOS

CIDADANIA E GLOBALIZAÇÃO



Organizadores:

Álvaro José de Souza
Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Elían Alabi Lucci
José Misael Ferreira do Vale
Lourenço Magnoni Júnior
Sebastião Clementino da Silva

56



A transformação no modo de vida das sociedades nesta virada de século XX para o XXI e a captação teórica de novas formas pelos geógrafos fazem de Milton Santos um dos intelectuais mais prestigiados e contemporâneos na análise e reflexão do espaço em nossos dias. O problema político do espaço, no sentido do seu significado democrático, e social, no sentido das condições e determinações da existência do homem nas sociedades organizadas, é a novidade do enfoque que o eminente geógrafo nos trouxe, na forma de leitura da relação sociedade-espaço que surge, em suma, transcendendo a fronteira da geografia, para difundir-se como teoria imprescindível e prática necessária decorrentes de conhecimento obrigatório a todos que lidam com a relação espaço-sociedade.

A coletânea que o leitor tem nas mãos dá conta disso. A multiplicidade temática mostra a possibilidade que a visão teórica e empírica de Milton Santos abre para a compreensão crítica do mundo através da geografia.

Festejado como um dos pensadores mais ricos do Brasil no presente e homenageado merecidamente com número já considerável de estudos de que é sempre bom lembrar o excelente livro organizado pela geógrafa Maria Adélia Aparecida de Souza para a Editora Hucitec, em 1996, a presente coletânea, organizada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP (AGB/Bauru) a partir de Simpósio realizado em 1997, é o balanço do pensamento de Milton Santos, pelo que diríamos à esquerda da geografia brasileira. Não se trata, diga-se, de mais uma coletânea sobre o pensamento de Milton Santos. Mas de debate da realidade brasileira e do mundo realizado à luz de teorias e temas que são caros a Milton Santos.

Duas décadas depois dos anos de chumbo e de seu retorno ao país, de volta do exílio, Milton Santos entusiasma a geografia e os geógrafos brasileiros com suas idéias e questões.

A chamada à cidadania e à globalização, forma de dizer uma sociedade justa e liberta das injunções e do ideário neoliberal para os brasileiros, é o modo como os organizadores dessa coletânea sintetizam a intencionalidade da publicação.

MILTON SANTOS

MILTON SANTOS

CIDADANIA
E
GLOBALIZAÇÃO

Associação dos Geógrafos Brasileiros
Editora Saraiva

BAURÍ 2000

Editores:

Álvaro José de Souza
Elían Alabi Lucci
José Misael Ferreira do Vale
Lourenço Magnoni Júnior

Revisores:

Álvaro José de Souza
Lourenço Magnoni Júnior
José Misael Ferreira do Vale

Projeto Gráfico:

Hideki M. Yoshimoto

Editoração Eletrônica:

Hideki Comunicação e Marketing

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simpósio Multidisciplinar Internacional: o pensamento de Milton Santos e a construção da cidadania em tempos de globalização (1. : 1997; Bauru, SP) Milton Santos: cidadania e globalização. -- São Paulo: Saraiva; Bauru, SP: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2000.

Vários organizadores.
Vários colaboradores.

1. Cidadania 2. Geografia - Estudo e ensino 3. Geografia - Filosofia 4. Geógrafos - Brasil 5. Globalização 6. Santos, Milton, 1926-

00-3115

CDD-910.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia: Teoria 910.01

MILTON SANTOS

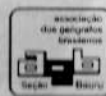
CIDADANIA E GLOBALIZAÇÃO

Organizadores:

Álvaro José de Souza
Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Elían Alabi Lucci
José Misael Ferreira do Vale
Lourenço Magnoni Júnior
Sebastião Clementino da Silva

Colaboradores:

Antônio Francisco Magnoni
Elvis Christian Madureira Ramos
Ladilson Aparecido Canassa
Marcelo Moraes Oliveira
Maria da Graça Mello Magnoni
Ruy Moreira
Wellington dos Santos Figueiredo



Registramos nesta oportunidade nossos agradecimentos à Comissão Organizadora do Simpósio Multidisciplinar Internacional: "O Pensamento de Milton Santos e a Construção da Cidadania em Tempos de Globalização", à Diretoria Executiva do Sindicato dos Professores de Bauru - SINPRO/Bau (1997/2001), à Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP, ao Prof. Dr. Antonio Manoel dos Santos Silva - Reitor da UNESP, ao Prof. Ms. Edson Belo Clemente de Souza - Pró-Reitor de Extensão UNIOESTE/PR, ao Prof. Dr. Gil Sodero de Toledo - Diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção São Paulo, ao geógrafo Ricardo Castillo - Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de São Paulo, ao Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEETEPS/UNESP), a Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB/USP), ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo e a Editora Saraiva.

I - MILTON SANTOS E A GEOGRAFIA: PENSAMENTOS E REFLEXÕES

Milton Santos	Globalização, Cidadania e Meio Técnico-Científico Informacional, 15
Milton Santos e José Misael Ferreira do Vale	Diálogo Reflexivo, 21
Maria José Majô Jandreice	Homenagem ao Prof. Dr. Milton Santos, por ocasião da entrega do título de cidadão bauruense, 31
Armando Corrêa da Silva	O Pensamento de Milton Santos e a Construção da Cidadania em Tempos de Globalização, 34
Ruy Moreira	A Geografia de Milton Santos, 37
Aldo Paviani	Milton Santos em Brasília: Presença no Ensino e a Pesquisa, 43
Eliseu Savério Spósito	A teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação, 51
Carlos Walter Porto Gonçalves	O espaço geográfico como condição de (re)produção da sociedade - notas de debate, 57
Álvaro José de Souza	Milton Santos: da produção metodológica à consecução da prática, 67
Luiz Cruz Lima	A Reestruturação do espaço: aplicabilidade da metodologia miltoniana, 69
Denise Elias	Por uma geografia miltoniana, 78

II - A GEOGRAFIA, O ESTADO E A GLOBALIZAÇÃO

Armen Mamigonian	Marxismo e Globalização: As origens da internacionalização mundial, 95
Aurora Garcia Ballestreros	El Estado a Finales Del Siglo XXI, 101
Georges Benko	Globalização e Crise Ambiental, 106

	una sociedade em crise, 117
Maria Laura Silveira	O Espaço da globalização: usos diversos, comando único, 121
Luisa Iniguez Rojas e Mariana Ravenet Ramirez	Desigualdades espaciales en Cuba: Antecedencias y efectos de los nuevos procesos, 128
Juan Mário Martinez Suárez	Los espacios geográficos marginales ante la globalización una aproximación al modelo cubano, 131
Dênis de Moraes	Mundialização e Mídia, 134
Antonio Carlos de Jesus	O Monopólio dos meios de comunicação e a globalização da informação, 141
Aurora Garcia Ballesteros	Nuevas formas de consumo y exclusion social, 147
Douglas Santos	Os excluídos do mundo globalizado, 158
Ângelo Sottovia Aranha	Cidadania e Globalização, 162

III – A GEOGRAFIA E O URBANO

Georges Benko	Nova Ordem Urbana - Políticas, relações sociais mundializadas, 167
Elian Alabi Lucci	Cidade do presente versus cidade do futuro, 172
Maria Encarnação Beltrão Spósito	Território Urbano: Terra de Quem? 175
Amélia Damiani	Urbanização e Globalização: A Fragmentação do Espaço e da Personalidade, 178
Arlete Moysés Rodrigues	A utopia da reforma urbana e a Habitat II, 183
Adriana Bernardes	A metrópole renovada: informação, forma urbana e os eventos do presente (considerações sobre o caso de São Paulo), 191
Álvaro José de Souza	Urbanização versus Humanização, 198
Ester Limonad	Breves considerações sobre a fragmentação da personalidade do espaço urbano em tempos de globalização, 203

Ariovaldo Umbelino de Oliveira	MST: Terra, Sobrevivência e Inclusão Social, 211
Teresinha D'Aquino	Reforma Agrária e Cidadania em Tempos de Globalização, 218
Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Reforma Agrária e Cidadania, 229
Valéria de Marcos	A (U)topia da produção comunitária camponesa na atualidade, 233
Antonio Thomaz Júnior	A trama societária da reestruturação produtiva e territorial do capital na agricultura e os desdobramentos para o trabalho (Noções Introdutórias), 240

V – A GEOGRAFIA, A AMAZÔNIA E A NATUREZA

Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Amazônia: Internacionalização, Terra e Território, 255
José Arbex Júnior	Amazônia e a "guerra às drogas": uma geopolítica de ocupação, 259
José Aldemir de Oliveira	Amazônia: Internacionalização do Território ou Espaços e Tempos Incompreendidos, 262
José Manuel Mateo Rodrigues	La naturaleza como propiedad social: la experiencia de los países socialistas y el caso cubano, 266
José Borzachiello	Meio Ambiente, exclusão e utopia, 270
Nilza Aparecida Freres Stipp	De Quem é a Natureza? 279
Antonio Christofolletti	Abordagem ecológica e geográfica na análise de sistemas ambientais, 281
Claudinei Lourenço	Economia política da natureza, 291

Armando Correia da Silva	Geografia, Pós-Modernidade e Cultura, 297
Ruy Moreira	Cultura Técnica e Disciplina da Máquina, 300
Ana Clara Torres Ribeiro	Mudanças Culturais e a ação estimulada pela técnica, 304
Lucrécia D'Alessio Ferrara	A Imagem das Multidões, 311
Júlia Adão Bernardes	Padrões Tecnológicos e Reorganização do Espaço, 317
Maximiliano Martin Vicente	Dilemas da Terceirização, 325
Maria Angela Faggin Pereira Leite	Os lugares invisíveis, 330

VII - A GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO

José Misael Ferreira do Vale	A Escola Pública como espaço de conhecimento, reflexão e compromisso, 337
Antonio Francisco Marques	A sociedade brasileira e a educação escolar como direito social usurpado, 342
José Carlos Libâneo	O Desafio Educacional numa Sociedade da Comunicação, 350
Roberto Nardi	Educação Escolar e a Qualidade de Ensino: uma relação complexa, 356
Lana de Souza Cavalcanti	A sala da aula, Espaço da Cidadania e do Saber? O ensino de Geografia e a formação do cidadão, 360
Sonia Maria Vanzella Castellar	A sala de aula, espaço da cidadania e do saber? 364

APRESENTAÇÃO

No período de 24 a 27 de julho de 1997 a cidade de Bauru (SP) recebeu estudiosos de muitos lugares para análise do pensamento de Milton Santos em relação à construção da cidadania em tempos de globalização. O Simpósio Multidisciplinar Internacional conseguiu reunir no interior do Estado de São Paulo mais de oitocentas pessoas entre participantes inscritos e não inscritos, convidados e Comissão Organizadora com o objetivo de produzir coletivamente um apanhado crítico-reflexivo sobre a extensa obra do renomado Geógrafo.

Foi, também, evento marcante e oportuno para homenagear um dos intelectuais brasileiros mais respeitados no país e no exterior mercê de sua profunda e reflexiva obra sobre a Ciência Geográfica, seu objeto, métodos e preocupações.

A contribuição do ilustre professor ultrapassa os limites da própria Ciência Geográfica, na medida que focaliza temas e questões fundamentais, tanto para as ciências naturais como para as ciências humanas neste final de século. Milton Santos se constitui em referência obrigatória quando se trata de discutir criticamente o processo industrial-urbano em articulação com as políticas neoliberais de globalização que acionam de maneira persistente e autoritária mecanismos calculados de exclusão e fragmentação sociais. A produção científica do ilustre geógrafo se constitui em libelo acusatório contra o processo de desumanização, discriminação e autoritarismo sempre presentes na sociedade brasileira.

Foi a dimensão internacional e a atualidade da produção intelectual do renomado cientista que motivou a Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local Bauru (SP), a organizar coletivamente o Simpósio que o presente livro procura retratar em termos de produção acadêmica.

O Simpósio realizado no Câmpus da UNESP/Bauru e da Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB/USP) contou com apoio e promoção da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP (AGB/Bauru), do Sindicato dos Professores de Bauru (SINPRO/Bau), da Reitoria da Universidade Estadual Paulista (RUNESP), da UNESP Câmpus de Bauru, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), do Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (CEBTEPS/UNESP), da Coordenação Especial do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - Câmpus de Marechal Cândido Rondon - PR), do CNPq e da CAPES.

A decisão de formar a comissão organizadora sustentada pelas principais e renomadas Universidades públicas brasileiras e instituições democráticas foi motivada pela necessidade de contar com a colaboração decisiva de conhecidos intelectuais de diferentes campos de pesquisa e ensino e países como Argentina, Cuba, Espanha, França e México que de diferentes ângulos focam de modo objetivo a obra e a contribuição científica e humanizadora de Milton Santos.

Baiano, natural de Brotas de Macaúbas; nasceu em 3 de maio de 1926, formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, em 1948. Obteve o título de Doutor em Geografia pela Universidade de Strasbourg, França, em 1958. Produziu mais de quarenta livros e se encontra em franca atividade, tendo recebido ao longo do magistério ainda profícuo, inúmeras premiações e distinções. Vale a pena registrar as seguintes, dentre outras:

- Prêmio Internacional de Geografia "Vautrin Lud", em 1994, considerado o Nobel da área;

Passo Fundo (Rio Grande do Sul) e Universidade de Barcelona (Espanha) estes últimos em 1996, Universidade Estadual Paulista (1998) e Universidade Nacional de Brasília (1999);

- Membro da Comissão Especial da Assembléia Constituinte da Bahia, encarregada de redigir ante-projeto da Constituição Estadual (1989);
- Detentor da Ordem Nacional do Mérito Científico;
- Comendador em 1995;
- Prêmio USP (1993);
- Orientador da melhor Tese de Ciências Humanas, medalha de Membro da Universidad de La Habana, Cuba (1994);
- Medalha da Câmara Municipal de São Paulo (1995);
- Prêmio do Mérito Tecnológico do Sindicato dos Engenheiros de São Paulo (1995);
- Prêmio Multicultural 2000 conferido pelo "O Estado de São Paulo".

A Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP (AGB/Bauru), o Sindicato dos Professores de Bauru (SINPRO/Bau), a Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB/USP), a Editora Saraiva, a Faculdade de Ciências e Departamento de Educação da UNESP/BAURU, a Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação e a Faculdade de Engenharia, Unidades Universitárias da UNESP, Câmpus de Bauru e demais entidades participantes da organização do Simpósio sentem orgulho de oferecer ao público a coletânea de textos produzidos por diferentes pesquisadores para momento tão especial, quando se procurou valorizar concretamente a produção intelectual acadêmica de pessoa voltada para análise e reflexão da sociedade contemporânea, espaço de enormes e terríveis contradições que jogam, como hoje e sempre, contra o processo de humanização e realização das pessoas.

Finalmente cumpre agradecer à Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Bauru - SP (AGB/Bauru) e a todos que ajudaram na realização do evento. Oxalá que muitos aproveitem das leituras em benefício de um mundo melhor.

Bauru(SP), início de junho de 2000.

Os Organizadores

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Este livro nasceu da vontade dos geógrafos brasileiros homenagearem no interior de sua entidade, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), um dos expoentes da geografia brasileira e mundial: **MILTON SANTOS**. A Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP (AGB/Bauru) foi a anfitriã deste magnífico encontro de geógrafos amigos, brasileiros e estrangeiros. Nos vários dias que estivemos juntos, discutimos, polemizamos, refletimos. Tudo no estilo que Milton aprecia, discutindo o Brasil e o mundo, pois o futuro já é hoje.

O livro contém o conjunto das contribuições que geógrafos e demais admiradores de Milton Santos conseguiram reunir para esta publicação. Publicação difícil, pois foi no início negada pela principal agência de fomento deste estado. Mas os colegas da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP (AGB/Bauru) não se esmoreceram, e foram a luta e após alguns anos o livro virá realidade.

Trata-se portanto, de um livro síntese, síntese de um momento particular e carinhoso da geografia brasileira. Síntese das contribuições homenagens a Milton Santos. Por isso que cada uma delas já vale por si só. É certo, que estamos diante de uma coletânea ímpar que por certo, se converterá em obra de referência.

A estrutura do livro obedecerá um arranjo temático que pode coincidir ou não, diretamente com a lógica do evento. Não importa se há sincronismo ou não, o importante é que os textos revelam intimidade com os temas, e o pensar mágico que a geografia e realidade permite tocar.

Mas é preciso dizer que o livro é também história. É história porque é encontro e reencontro. Talvez o primeiro conjunto de textos que avaliam esta trajetória nova na geografia brasileira. Trajetória turbulenta que a juventude valente de algumas gerações que decidiram mudar ou melhor, transformar a geografia que se fazia no Brasil. E só Milton Santos seria capaz de nos reunir novamente, porque, foi com ele que nos reuníamos no início dessa aventura. Aventura porque os caminhos eram muitos, e sendo muitos não nos separou no começo, mas inevitavelmente nos separou depois.

Por isso o reencontro. Reencontro para discutirmos o pensamento de Milton Santos. Reencontro para discutirmos a aventura marxista na geografia brasileira. Geografia de recorte marxista esta é a marca, a identidade deste evento. As reflexões que estão presentes na coletânea são em sua maioria marcadas por esta influência no pensamento geográfico. Também, por esta razão foi que sua publicação foi difícil e complicada. A presença de colegas que promovem a discriminação ideológica quando estão a frente das agências de fomentos, fez com que os primeiros obstáculos fossem criados. Mas não importa, talvez por isso mesmo, ele vá se tornar mais valioso. O tempo inevitavelmente coloca as coisas no lugar. O tempo passou, mas a necessidade de vermos o livro publicado não. As pedras moveram-se, os tempos mudaram e as pessoas são outras. A história continua se fazendo. Mas, os geógrafos da AGB continuam suas lutas. Lutas para ver esta nossa ciência respeitada e inserida na luta cotidiana da sociedade. Os colegas da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Local Bauru - SP (AGB/Bauru) promoveram o encontro de todos nós e agora conseguem, do modo interiorano, caipira de encontrar soluções, a publicação do livro. Certamente, é por esta razão que eu caipira também deste interior paulista consiga entendê-los e com eles ter um alegre e respeitoso convívio.

Mas, voltemos ao livro. Sua estrutura temática básica procurou contemplar os grandes temas presentes no evento e que formam capítulos aglutinativos. A geografia e o pensamento e reflexões

de Milton Santos forma o primeiro grupo de textos. O segundo e o terceiro, voltam-se para as duas temáticas de maior contribuições miltonianas: a globalização e o urbano. O quarto e o quinto capítulos reúnem textos voltados para o agrário, a Amazônia e a natureza. Os dois capítulos que finalizam tratam da pós-modernidade, da cultura e da educação.

Por fim, resta-me falar sobre o papel da geografia cidadã de Milton Santos e de nós todos que temos textos neste volume. A inserção social da geografia de recorte marxista deu à geografia cidadã de Milton Santos dimensão que extravazou o mundo acadêmico. Muitos de nós estamos por aí juntos aos diferentes movimentos sociais. Do vermelho ao verde cada um pode cunhar seu espaço de ação política, levando consigo a geografia como instrumento de explicação e de transformação da sociedade. O respeito às diferenças é certamente, a outra marca desta aventura marxista na geografia. A dialética que une contrários, nos une, nos separa em lugares sociais distintos e nos une novamente. Só que agora, somos outros, mas somos nós mesmos ainda. Por isso nos reunimos para começar a avaliar agora essa nossa aventura. Que os leitores possam curtir Milton Santos e as múltiplas e diferentes viagens que seus amigos geógrafos fizeram neste curto tempo de nossas vidas neste final de século XX. Espero ser também partícipe de novos reencontros no novo século que chegará, e que nossa geografia continue cidadã, como a do mestre Milton Santos.

Outono, já frio, de 2000.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira

AMAZÔNIA: INTERNACIONALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO OU ESPAÇOS E TEMPOS INCOMPREENSÍVEIS¹

José Aldemir de Oliveira²

Os geógrafos sabem que o espaço é produto social, não um produto qualquer, tampouco apenas o meio, mas o requisito da própria condição humana. Ao produzir o espaço, o homem produz-se e reproduz-se. O modo pelo qual os homens produzem o espaço depende das condições concretas dos meios de produção, como também da forma de manifestação da vida que determina, de certa maneira, a natureza do espaço. Por isso, o espaço não pode ser reduzido nem à natureza nem ao ambiente construído, mas às formas de controle que se adequam à produção dos meios materiais para a existência do homem, ampliando-se num processo geral de produção da sociedade.

Neste sentido, como assegura Ana Fani, é necessário contrapor uma visão de espaço como palco, onde se desenrolam e se localizam as atividades e os fenômenos humanos, à idéia do espaço produzido através do trabalho humano. Na primeira, predomina a concepção de um espaço organizado e de uma exterioridade em relação ao homem. Na segunda, ocorre a internalização da produção humana, sendo o espaço um produto social, não apenas por ser habitado pelo homem, mas por ser produto e condição de produção para o homem (CARLOS, 1994).

Da mesma maneira, o tempo resulta da produção social. Nenhuma sociedade se organiza de forma a-espacial e a-temporal. Portanto, as determinações da construção da sociedade só serão corretamente entendidas a partir da compreensão do espaço e do tempo.

Para Bakhtin, espaço e tempo são indissociáveis, pois os índices do tempo transparecem no espaço. O espaço reveste-se de sentido e é medido pelo tempo. Nessa indissociabilidade da produção a mais ampla possível (já incluídos espaço e tempo), os homens enquanto seres sociais produzem sua história, sua consciência e seu mundo (LEFEBVRE, 1986). Neste sentido, o espaço e o tempo são produtos de múltiplos aspectos e movimentos do cotidiano e que portanto se ligam à prática social.

"Não quero incluir o tempo no meu esquema", diz-nos o poeta. Qual é esse tempo? É o convencional, é o presente, o passado e o futuro, referências determinadas em função dos fenômenos observados. É o instante, o átimo de tempo em que a percepção capta o objeto (GOMES, 1987). Mas, acrescenta Álvaro Cardoso Gomes, é preciso refletir também que o instante mágico em que se processa a captação de alguma coisa é único pois não se repete jamais. Desse modo, é como se o poeta visse o mundo sempre pela primeira vez. Seguindo a mesma linha de pensamento, Alfredo Bosi afirma que no poema, o singular é o concreto, é o momento pleno da vida. Não obstante, o geógrafo não deve e nem pode se contentar em ver o mundo como se fosse a primeira vez. Ao geógrafo interessa o processo.

1 Texto apresentado no "Simpósio Multidisciplinar Internacional do pensamento de Milton Santos", realizado em Bauru - SP, no período de 24 a 27 de julho de 1997.

2 Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas

Neste sentido, na Amazônia, as relações sociais têm sido produzidas e reproduzidas em espacialidades e temporalidades concretizadas e criadas para possibilitar a expansão do novo e da novidade que avançam, fragmentando-os e homogeneizando-os, estabelecendo condições de controle para inserir a Região na escala mundo.

No primeiro semestre de 1997, a Universidade Federal do Amazonas promoveu a exposição de Alexandre Rodrigues Ferreira naturalista que viajou pela Amazônia entre 1783 a 1793. Aquele acervo que vimos na exposição, por exemplo, foi catalogado e faz parte de um tempo, de um olhar de forma genérica, como se tivessem ou devessem ter culturas iguais. Claramente, interpõe-se a vivência espaço-tempo diferenciada, não aparecendo a simultaneidade do cientista de fora e das populações indígenas. Espaços e tempos destacavam-se na paisagem. Tempo mais livre, mais facilmente rompido e retomado. É nesse tempo que está a invenção do ser (BACHELARD, 1988). Na Amazônia pretérita, havia abundância na natureza, mas havia também abundância de tempo para o desfrute das condições de humanização do homem, visto que as necessidades de tempo para o trabalho eram inversamente menores às de hoje. Havia mais tempo da festa, do pensamento, da arte, do preparar as concretizações do ser. Os utensílios, mesmo os de guerra, tornavam-se obras de arte. Neste sentido, concordo com a concepção de Bachelard sobre o tempo descontínuo como o tempo da construção do ser.

O novo processo que se estabeleceu na Amazônia tornou o tempo contínuo e produziu a pobreza de realizações das possibilidades, em decorrência do controle, da segregação e da hierarquia. O espaço total foi fragmentado em glebas, lotes, reservas, unidades e vendido aos pedaços.

O preexistente perdeu-se e com ele parte de um modo de vida, pois espaço-tempo concretiza-se na vivência. O espaço produzido alterou o existente, estabelecendo um novo tempo ou um tempo que passou a ter significados diferentes para as pessoas do lugar. Porém, isso não ocorre em toda a Amazônia.

No nosso agora, temporalidades e espacialidades que se produzem num lugar qualquer da Amazônia não são únicas. Estão contidas e contêm a totalidade que inclui tanto o processo de desenvolvimento recente para a Região como a forma de produção da sociedade nacional, refletindo a maneira de produção de outros lugares.

Todavia, existem as especificidades decorrentes da história do lugar, da capacidade de resistência e da forma não equânime de como as inovações atingem o lugar e de como as pessoas se relacionam com o novo. Todos estes aspectos, mediados pelos usos e costumes, determinam a forma de produção do espaço que se traduz na articulação entre o lugar, o nacional e o global.

É a partir desse processo que devemos entender a exploração das drogas-do-sertão, a extração do látex e os Grandes Projetos. Contextualizam-se nas desigualdades dos ritmos do desenvolvimento histórico, representam as determinações de períodos específicos caracterizados pela forma como o homem age sobre a natureza na atividade social de atender suas necessidades (MARTINS, 1996). São também as especificidades do lugar que o tornam único, determinando a dinâmica do evento e as características do espaço produzido que também são únicas.

Por isso as especificidades da Amazônia produzem o tempo social diferenciado, pois "o tempo social é, sensivelmente, uma dimensão particular de uma determinada realidade social (...) e cada realidade social segrega seu tempo ou as suas escalas de tempo" (BRAUDEL, 1972). A realidade social do lugar é construída a partir das contradições existentes num modelo que tem como base a segregação "sócio-espacial".

Na Amazônia, quase sempre espaços e tempos são impostos, não se criando parâmetros para a convivência das inovações com as relações sociais tradicionais do lugar. Como as inovações são bruscas, a população do lugar não é capaz de acompanhá-las, estabelecendo um hiato que tem como consequência a criação de um novo espaço social concentrador e centralizador. São as formas de dominação utilizando da melhor maneira e em seu proveito o tempo e o espaço, impondo-os para a sociedade, dividindo homens, seus espaços e seus tempos.

O tempo é uma série de rupturas, não podendo se constituir continuidade uniforme. Por isso, quando se fala em Amazônia, é preciso explicitar de qual Amazônia se está falando. A compreensão de que a Amazônia contém múltiplas espacialidades e temporalidades pode nos apontar para o entendimento das desigualdades dos ritmos de desenvolvimento que ocorrem na Região. E sobretudo pode nos possibilitar a compreensão da pobreza não apenas material, mas da pobreza de realizações e de possibilidades. Lembramos que uma das grandes pobreza do nosso agora é a pobreza de tempo.

Entretanto, a história se desenvolve no espaço, e por isso surgem reações buscando a garantia das diferenças e a superação das desigualdades. A premissa básica é o direito ao usufruto do espaço. É o "tempo dos primeiros encontros", em que a população do lugar, dos vários lugares da Amazônia se organiza, se questiona e busca a partir das condições concretas o direito a ter seus tempos e espaços reconhecidos e, como tal, se apropriar dos mesmos, sejam estes inovados ou não.

O estudo de áreas específicas da Amazônia permite-nos compreender que cada lugar da Amazônia é produzido por um homem específico, o que não quer dizer que este lugar e este homem sejam exclusivos, pois que fazem parte de um contexto maior. Contudo, os eventos que os atingem têm dinâmicas próprias. Em decorrência os conflitos que ocorrem num lugar qualquer da Amazônia podem se produzir em outros, embora não possam ser entendidos como iguais. A raiz dos conflitos está na confrontação que se estabelece de um lado pela determinação do espaço homogêneo explicitado nas práticas espaciais do Estado e das grandes empresas e, de outro, pelas práticas sócio-espaciais dos vários agentes sociais que buscam estabelecer as condições de permanência de valores de uso.

O estudo das transformações do espaço amazônico, revela o retrato de pessoas, que são identificadas no processo que fragmentou o espaço, vendido aos pedaços, ao mesmo tempo que se retoma o passado através de coisas e sentimentos que mudaram ou se refizeram num outro patamar.

A produção do espaço na Amazônia se dá a partir de um processo conflituoso, onde as novas relações destróem e reconstróem as antigas relações. Este processo coloca como tendência a produção de um espaço controlado e homogeneizado que, no entanto, não se concretiza em sua inteireza, à medida que o novo espaço não se produz excludentemente. Ele reproduz as diferenças e as resistências que não restauram as relações sociais anteriores, mas as recriam em outras dimensões.

O novo, completamente novo, não existe e é nas brechas encontradas no processo de produção que a população do lugar cria as condições de resistência, visando alcançar as transformações do espaço produzido. No âmbito da Amazônia como um todo, tais ações podem ser percebidas na resistência da população indígena e dos caboclos tentando interferir na produção do espaço de maneira que o direito à diferença lhes seja garantido.

Como nos ensina o homenageado desse encontro Milton Santos, "Os eventos, as ações, não se geografizam indiferentemente. Há, em cada momento, uma relação entre valor da ação e o valor do lugar onde se realiza: sem isso todos os lugares teriam o mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história" (SANTOS, 1997, p. 70).

Onde está a Internacionalização? Na Amazônia oficial, na Amazônia dos Grandes Projetos. Mas existem outras amazônias que não se internacionalizam, porque nestas há resistências. São as pequenas ações dessas amazônias que têm contribuído para que aflorem formas de lutas visando não permitir que o espaço-tempo se produza exclusivamente às feições da classe dominante e de acordo com as estratégias do Estado. Na maioria das vezes, são ações localizadas sem conseguir articulação mais ampla. Isso, no entanto, não retira o caráter político que lhes dá sustentação. São lugares em que "o tempo flui como a imagem de um sonho. Flui no pouco da noite que resta e no instante de luz que anuncia o amanhã" (HATOUM, 1992). São pessoas que resistem na busca de reencontrar tempos perdidos e espaços dilacerados.

Por isso, quando falamos Amazônia, é preciso explicitar de qual Amazônia estamos falando. Existem amazônias que já viraram o milênio, outras que estão no final do milênio e outras que ainda não o iniciaram. Existem amazônias que se internacionalizaram, mas outras nem sequer se tornaram Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC; UNESP, 1993.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: EDUSP; Cultrix, 1977.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Fernando Pessoa: as muitas águas de um rio*. São Paulo: EDUSP; Pioneira, 1987.
- INDOUM, Milton. Reflexão sobre uma viagem sem fim. In: *Revista USP*. São Paulo: (13), 61-5, março-maio, 1992.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 3eme édition. Paris: Éditions Anthropos, 1986.
- MARTINS, José de Souza. *Henri Lefebvre e o retorno da utopia*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SANTOS, Milton. *Técnica espaço e tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

A globalização é o estágio supremo do imperialismo, mas não é o imperialismo. Devemos evitar aquilo que Marx chamava de erro do século, isto é, definir uma condição histórica como se ela fosse uma condição já passada. A globalização é coisa nova, inteiramente nova. Na face da terra, porém, tudo é combinação, porque o passado, graças às formas herdadas, não desaparece totalmente; mas os fatores dinâmicos de cada momento comandam os outros fatores e provocam mudanças. Da capacidade de perceber a mudança e os seus fatores centrais vem a possibilidade de construir uma análise válida. É assim que as épocas são definidas.

Se a idéia de período nos falta, a geografia também nos faltará, porque já não estaremos distinguindo quais são os objetos novos, nem as ações novas capazes de mover esses objetos novos. Sem essa noção seremos, também, incapazes de transcrever, na inteligência, o diálogo entre o novo e o velho, estabelecendo as hierarquias sem as quais não há análise.

Por conseguinte, a globalização deve ser tratada como um período histórico, isto é, um momento da vida da humanidade, com suas características próprias, diversas do passado mais recente e susceptíveis, pela sua realidade, de ser incluídas num processo de elaboração teórica. Trabalhar com seus elementos chave, com seus elementos motores, com seus elementos suporte implica reconhecer a relação entre a globalização que estamos vivendo e os progressos técnico-científicos característicos do período do após guerra.

Milton Santos

SOUZA, Alvaro Jose de; OLIVE
Milton Santos: cidadania e g



000000357